



Estado do conhecimento: pedagogia decolonial na América Latina

State of knowledge: decolonial pedagogy in Latin America

¹ Sabrina Schade Garcia de Assis sabrinah_schade@hotmail.com

² Maria Geralda Oliver Rosa

¹ Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.

² Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes) - campus Vila Velha, com atuação no Curso de Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Química, Bacharelado em Química Industrial e no Curso de Especialização em Educação e Divulgação em Ciências. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com bolsa de Doutorado-Sanduiche na Universidade de Lisboa-Instituto de Educação.

RESUMO

O artigo apresenta o estado do conhecimento sobre a temática "pedagogia decolonial", publicada no recorte temporal de 2009-2019 pelos mecanismos da plataforma SciELO. Objetiva-se com este levantamento mapear as publicações sobre essa temática na América Latina como forma de identificar as recorrências de tendências investigativas nesse cenário. A metodologia utilizada foi a pesquisa do tipo "estado do conhecimento" que tem como finalidade levantar dados sobre o conhecimento produzido a respeito do tema, por meio do mapeamento das obras já publicadas. Durante o percurso, identificou-se nove produções distribuídas da seguinte forma: quatro no Brasil, três no México, uma em Porto Rico e outra no Chile. Compreende-se, nessa análise, a possibilidade de atuação contra a agenda hegemônica, tendo em vista um contraprojeto que se edifica a partir da contestação da realidade concreta, que desde a Modernidade vem estruturando, instituindo e aprimorando um formato cada vez mais racista-colonial-patriarcal de sociedade. Os resultados refletem poucas publicações na plataforma SciELO, além de um longo espaço entre as publicações e nenhum estudo com ênfase sobre a formação de professores.

ABSTRACT

This article presents the state of knowledge about "decolonial pedagogy" theme, published into the time cut of 2009 - 2019 through the SciELO platform. This survey aims to map the publications about "decolonial pedagogy" in Latin America, as a way to identify investigative trends and recurrences in this scenario. The applied methodology was the research of state of knowledge, whose goal is to survey data about the knowledge produced around the mentioned theme, by means of mapping already published works. During the researches, nine works were identified distributed as follows: four in Brazil, three in Mexico, one in Porto Rico and a last one in Chile. It is understood after analysing, the possibility of acting against the hegemonic agenda, in view of a counter-project edified as from contestation of the concrete reality, that comes since the modernity structuring, instituting and improving an increasingly patriarchal-colonial-racist format of society. The results reflect very few publications in the SciELO platform, besides a long time gap between publications, and no studies that emphasizes Teacher Training.

Palavras-chave:

Pedagogia decolonial. Interculturalidade crítica. América Latina.

Keywords:

Decolonial pedagogy. Critical interculturality. Latin America.

Como você deve citar?

ASSIS, Sabrina Schade Garcia de; ROSA, Maria Geralda Oliver. Estado do conhecimento: pedagogia decolonial na América Latina. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 45, p. 79 -88, abril 2021.



1 INTRODUÇÃO

A diversidade e variedade das demandas de grupos formados por 'outros sujeitos' invisíveis e desconsiderados pelas políticas sociais levam, ainda hoje, muitos povos ao redor do globo a debaterem e lutarem por conquistas ou manutenção de suas conquistas sociais diante de seus governos. Diante de um sistema socioeconômico que necessita das desigualdades e da exploração para se constituir, a desumanização é constante e a ruptura se torna uma necessidade de sobrevivência.

Nessa perspectiva, autores e movimentos sociais indagados nos estudos críticos latino-americanos questionam a historiografia dita oficial, investigando as implicações de uma educação eurocêntrica projetada sob os resquícios coloniais que ainda permeiam na América Latina. Assim, pensar numa perspectiva (de)colonial é pensar além das fronteiras impostas pelo pensamento hegemônico, é fazer emergir os conhecimentos produzidos por grupos, povos e/ou culturas que foram invisibilizados pelo processo de colonização que persiste mesmo após o fim do colonialismo.

Reflexões sobre essa temática adentram o espaço escolar, lançando desafios para a agenda pedagógica, no sentido de proporcionar experiências para além do currículo formal e a sala de aula, desvelando saberes locais e insurgentes personagens – esquecidos não por acaso.

Tendo em vista esse cenário, o estudo realizado no Grupo de Pesquisa "Políticas Educativas e Formação Docente na Concepção Freiriana" buscou, por meio do "estado do conhecimento", mapear as publicações em periódicos no período de 2009-2019 na América Latina, com o objetivo de identificar por qual percurso caminha o movimento da pedagogia decolonial.

Para tanto, o texto ficou assim organizado: aportes teóricos da pedagogia (de)colonial, itinerários metodológicos, análise dos resultados e considerações finais.

2 PEDAGOGIA (DE)COLONIAL: APORTES TEÓRICOS

O que é/são pedagogia(s) decolonial(is)? Acredita-se ser necessário deixar aqui o que compreendemos sobre pedagogias decoloniais, antes, porém, vamos apresentar recortes de alguns aportes teóricos sobre a temática.

Em 2017, Catherine Walsh, intelectual americana radicada no Equador e militante de movimentos por transformação social, organizou a obra *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*, que parte do interesse de construir e disseminar um projeto decolonial. Fruto de muitos outros estudos e anos de trabalho no acompanhamento das lutas indígenas e afrodescendentes em Abya Yala³, reuniu diversos autores no desafio de teorizar e refletir sobre a constituição da Modernidade e suas implicações na subalternização de sujeitos e suas respectivas culturas.

Entendendo que não cabe apenas a denúncia ao eurocentrismo que ainda circula pelas veias da América Latina, aqueles que reivindicam a pedagogia decolonial trazem proposições, no sentido de apontar caminhos contrários a Modernidade/Colonialidade eurocêntrica, tanto em relação às práticas epistêmicas como na concepção de homem e sociedade. Mas que outras pedagogias decoloniais seriam essas? E quem são esses "outros sujeitos" que se formam nelas? (WALSH, 2017).

3 A palavra tem origem no povo Kuna (nativo de Serra Nevada, norte da Colômbia) e significa Terra madura, Terra viva ou em florescimento. A expressão vem sendo utilizada por demais povos originários como contraponto ao termo "América" batizado pelos colonizadores.

Outro pesquisador, Miguel Arroyo, sociólogo e educador espanhol radicado no Brasil, nos instiga a perceber as práticas pedagógicas para além dos espaços formais de ensino e, ao observarmos os coletivos sociais (sem teto, camponeses, indígenas, quilombolas, de classe, gênero, círculos culturais e sindicais), encontramos esses 'outros sujeitos'. Tais coletivos sociais, ao se fazerem presentes nas escolas e nos movimentos sociais, trazem consigo outras pedagogias. Esses 'outros sujeitos', desde a infância e a adolescência, já constroem táticas de insurgência e resistência como forma de sobreviver e reviver em meio aos 'pacotes de políticas' que os excluem e os precarizam cada dia mais. (ARROYO, 2014)

Nesse sentido, o pedagógico são as práticas, as metodologias e estratégias para se construir novos saberes: de resistência e oposição.

Obviamente, la pedagogía y lo pedagógico aquí no están pensados en el sentido instrumentalista de la enseñanza y transmisión del saber, tampoco están limitadas al campo de la educación o los espacios escolarizados. Más bien, y como dijo una vez Paulo Freire, la pedagogía se entiende como metodología imprescindible dentro de y para las luchas sociales, políticas, ontológicas y epistémicas de liberación. (WALSH, 2017, p. 29)

Um outro mundo torna-se possível para além daqueles traçados pela geopolítica do poder⁴. Quando coletivos sociais, dotados de uma práxis política e ética, afirmam-se como sujeitos históricos e sociais, contestando as narrativas hegemônicas e produzem leituras das relações de dominação que os permeiam em suas terras, no trabalho, na escola (ARROYO, 2014).

O sociólogo peruano, Quijano (2005), tendo em vista a permanência da cultura e das epistemologias do colonizador, pensa na perspectiva (de)colonial junto a outros intelectuais latino-americanos, pertencentes ao grupo Modernidade/Colonialidade. A colonialidade, termo cunhado por Quijano, se refere ao que sobrevive e permanece mesmo após as nações terem conquistado suas independências políticas e administrativas.

De acordo com Quijano (2005), a colonialidade se diferencia do colonialismo. Enquanto o colonialismo se pauta em um padrão de dominação e exploração explícito, em que há o controle da autoridade política, dos recursos e do trabalho de um determinado território, a colonialidade surge como resultado dos processos de colonização e persiste afirmando as marcas do colonizador, destruindo, invisibilizando e subalternizando "os outros" (QUIJANO, 2005).

A colonialidade não é apenas uma consequência do colonialismo, um efeito colateral, mas sim uma construção da Modernidade.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular deste padrão de poder (QUIJANO, 2005, p. 93).

Ainda, segundo o autor, é no século XVI, com a ascensão do Iluminismo, que se cria a união entre cor e raça, no qual a concepção de Homem perpassava pela dimensão cor, grandeza e forma. Embora o conceito de raça não exista no sentido biológico, foi plantado no imaginário social, revestido pela cientificidade à época, acarretando em um julgamento moral e a ideia de destinação de um papel social a cumprir. (QUIJANO, 2005)

Esse cenário durante séculos serviu de palco para a dominação e exploração colonial na América Latina. Contracenando com a independência dos países nas Américas, essas nações continuaram a projetar

4 Esse termo é utilizado no sentido de delimitar como o poder em nível mundial está distribuído. A constituição dessa geopolítica implica numa realidade periférica e subalternizada para os países ditos subdesenvolvidos versus a condição de desenvolvidos para aqueles que ocupam a posição central no sistema capitalista.

políticas opressoras que estruturaram a construção de suas instituições, dando continuidade ao projeto da colonialidade, desdobrando-se em três dimensões da colonialidade: poder, ser e saber. (QUIJANO, 2005)

Por isso, em contrapartida, o projeto de *interculturalidade crítica* questiona a relação direta entre modernidade e progresso, desenvolvimento e cidadania global, diante da lógica do capitalismo. A interculturalidade crítica assume a responsabilidade de um projeto de caráter ético-político, epistêmico e ontológico de rompimento com as pedagogias hegemônicas. (WALSH, 2017)

A partir desse entendimento, a interculturalidade crítica é utilizada como abordagem pedagógica da perspectiva decolonial, como um mecanismo em que os sujeitos subalternizados e movimentos sociais exigem e pressionam que suas histórias sejam recontadas por outra ótica: a ótica dos oprimidos, dos 'outros sujeitos'. (ARROYO, 2014; WALSH, 2017)

Esse projeto de atuação política, no entanto, não deve se restringir às promessas de inclusão promovidas pelas alterações nos currículos ou nas instituições de um Estado-nação burguês. Com isso, "[...] questiona o perfil funcionalista presente na implementação de políticas em torno do multiculturalismo, enquanto essas políticas teriam legitimado a coexistência de uma cultura dominante com outras [...]". Ainda segundo a autora, "não é uma questão, como afirma Walsh (2010), de "reconhecer" a diversidade ou a própria diferença, mas o caráter estrutural-colonial-racial que acompanhou a formação dos Estados nacionais da América Latina". (MARÍN, 2017, p. 44-45)

3 ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi baseado no estudo qualitativo de cunho bibliográfico do tipo estado do conhecimento, com o interesse de se conhecer as produções e publicações em periódicos sobre a temática pedagogia decolonial. A opção pela pesquisa qualitativa se justifica por privilegiar análises de resolução de problemas, descrição de experiências, relatos de compreensões e relatos de observações que possibilitam análises de dados sensíveis, de concepções, de estados mentais e de acontecimentos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; BICUDO, 2010).

Almejando investigar a produção científica sobre a temática da pedagogia decolonial publicada no recorte temporal de 2009-2019, realizou-se uma pesquisa pelos mecanismos da plataforma SciELO⁵. Portanto, este estudo configura-se no "estado de conhecimento" por abordar somente um setor das publicações sobre essa temática. (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Foram aplicados os seguintes descritores: pedagogia decolonial AND decolonial, selecionando-se a grande área das Ciências Humanas e a área temática da Educação. Com isso, obtivemos 9 artigos científicos como resultado.

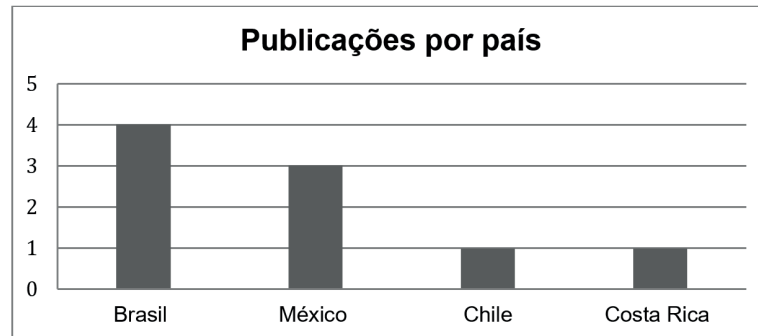
A seguir, apresenta-se, por meio de gráfico, os dados pertinentes a essas produções científicas encontradas, e, a partir de uma análise qualitativa, relata-se reflexões desses periódicos publicados no portal da SciELO.

5 The Scientific Electronic Library Online – SciELO, conta com a participação de 11 países latino-americanos e está em desenvolvimento em mais outros dois.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

Ao mapear as produções científicas no portal SciELO, identificou-se nove artigos publicados nos últimos dez anos tratando da temática da decolonialidade. Na busca em compreender esse cenário, apresenta-se, no gráfico 1, a quantidade de publicações por países da América Latina encontrada na plataforma.

Gráfico 1 - Publicações na SciELO no período de 2009-2019 com o descritor: pedagogia decolonial AND decolonial



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020.

Ainda como forma de compreender o detalhamento desse cenário, construiu-se a Tabela 1 para identificar em que periódicos foram publicados, bem como criou-se, a partir da leitura desses artigos, algumas categorias para analisar a produção em questão.

Tabela 1 - Periódicos com publicações sobre 'decolonialidade' na América Latina no período de 2009-2019

Periódicos	País/Ano	Categorias
Educação em Revista (UFMG)	Brasil, 2019	Educação colonizadora. Educação libertadora. Colonialidade do poder, ser e saber.
Educação em Revista (UFMG)	Brasil, 2010	Questões étnico-racial na perspectiva decolonial. Interculturalidade crítica na educação a partir das DCNS para essa temática.
Revista Educação e Pesquisa	Brasil, 2010	Educação popular Feminismo Popularização da ciência e da tecnologia.
Educação em Revista (UFMG)	Brasil, 2019	Colonialidade do saber. Educação popular. Independência e emancipação.
Revista Sinéctica	México, 2019	Educadores indígenas. Práticas educativas interculturais.
Revista Sinéctica	México, 2019	Pedagogia pacifista. Valor e missão das ONGs.
Revista Sinéctica	México, 2018	Espaços não formais de ensino Interculturalidade crítica.
Actualidades Investigativas en Educación	Costa Rica, 2019	Alfabetização crítica. Pesquisa ação colaborativa. Equipe interdisciplinar.
Revista Estudios Pedagógicos (Valdivia)	Chile, 2016	Pedagogias decoloniais Filosofia educacional na perspectiva decolonial.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020.

Percebe-se, na Tabela 1, por meio das categorias, que existe um leque que converge um amadurecimento de questões que ainda estão enraizadas na cultura, portanto na educação desses povos. Entretanto os efeitos da colonização ainda fazem esses povos reféns de uma educação bancária e colonizadora.

Por isso, acredita-se que essas produções buscam provocar a discussão da temática (de)colonial como forma de construir uma concepção de educação freiriana, na qual há base para o projeto de interculturalidade crítica como forma de insurgência à opressão. A educação para a liberdade na concepção freiriana busca romper com a desumanização do sujeito por meio de uma educação que promova a leitura do mundo e não só das palavras, mais do que cidadã, uma educação popular humanamente emancipadora.

Momento exemplar daquela aprendizagem de rebeldia, de reinvenção da vida, de assumir a própria existência e a história por parte de escravas e escravos que, da "obediência" necessária, partiram em busca da invenção da liberdade. (FREIRE, 1992, p. 5)

Logo, o artigo de Leite, Ramalho e Carvalho (2019), *A educação como prática de liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola*, fez parte da seleção de escritos publicados no Dossiê Paulo Freire: *O Legado Global, da Educação em Revista*, periódico do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Esse estudo aponta para uma educação hegemonicamente colonizadora que, por vezes, destrói e folcloriza outras culturas e saberes. Ao denunciar tal realidade, Paulo Freire instiga a ruptura com esse modelo, que mais tarde, Quijano irá tratar como 'colonialidade' do poder, ser e saber.

Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil, de Oliveira e Candau (2010), também publicado no periódico *Educação em Revista*, trabalha com a linha de pesquisa “Multiculturalismo, Direitos Humanos e Educação: a tensão entre igualdade e diferença” e, desde 2006, conta com as análises críticas à modernidade ocidental, advindas do grupo de intelectuais transdisciplinares Modernidade/Colonialidade, que contribui com as discussões da questão étnico-racial no Brasil. Ao longo desse estudo, discute-se a possibilidade de um projeto de interculturalidade crítica na educação, tendo em vista as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”.

A pesquisa de Bustos (2010) sobre *Aportes feministas a la Educación popular: entradas para repensar pedagógicamente la popularización de la ciencia y la tecnología*, produzida na Universidade Pedagógica Nacional (Colômbia), foi exposta na *Educação e Pesquisa*, revista brasileira, e discorre sobre como o androcentrismo, servindo de base para a promoção do conhecimento científico e tecnológico. Ao retomar as propostas da educação popular, aborda essa popularização, levando em consideração a experiência de homens e mulheres.

Também no Brasil, por meio da *Educação em Revista*, foi divulgado *Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial*, de Mota Neto e Streck (2019). Apesar da intensa ofensiva neoliberal orquestrada pelas forças capitalistas, que se assenta na educação expressando um discurso da colonialidade do saber, há a emergência de uma proposta político-pedagógica decolonial em Abya Yala, que, por meio da Educação Popular, revela as lutas por independência e emancipação, desde José Martí e Simon Rodríguez à filosofia de *buen vivir* e Paulo Freire.

Partindo para o México, encontramos *Metodologías inductivas interculturales para una pedagogía decolonial* (Medrano; Guillé, 2019), desenvolvido na Universidad Veracruzana Intercultural (UVI) e publicado na revista *Sinéctica*. Narra propostas de metodologias interculturais, como fotografias de autoria infantil, foto-voz e mapas vivos, como forma de possibilitar o diálogo entre educadores indígenas, acadêmicos e os meninos e meninas, incentivando novas práticas educativas e formas de entender o mundo.

Nesse mesmo periódico, encontramos *Pedagogías constructoras de paces en clave decolonial. La experiencia de la Universidad Veracruzana Intercultural*, de Uribe e Dietz (2019), que, tendo em vista à sede Grandes Montañas, articulou estudos no âmbito do que localmente se compreende por paz/violência, primando por uma investigação interacional, intercultural e bilingue àqueles jovens vinculados a UVI. Intimamente ligada a uma pedagogia pacifista e à busca de “paz por meios pacíficos”, inspirou-se na proposta política-pedagógica da própria Universidade quanto à promoção de relações empáticas e restauradora de laços comunitários para gestar o bem-estar e a resolução de conflitos.

Re-pensando la colonialidad y decolonialidad en el espacio de la educación no formal desde la interculturalidad crítica en San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México, é apresentado por Espín et al. (2018). Esse artigo coloca em xeque as intenções dos espaços não formais de ensino que se proliferam em Chiapas – território controlado pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). E, por meio de uma ação reflexiva e crítica, questiona o valor e a missão dessas ONGs, que, por vezes, reproduzem o pensamento colonial-capitalista-patriarcal.

Na Universidad Nacional de Costa Rica, Quirós (2019) anuncia *Aún quedan posiciones por defender: Un recuento del camino recorrido por el proyecto Alfabetización*, no periódico *Actualidades Investigativas en Educación*. A partir da constatação de uma crise na educação secundária de Costa Rica, somam-se esforços para compor uma equipe interdisciplinar e, com base na *investigación-acci-*

ón participativa⁶, tratam da Alfabetização Crítica. Em exercício desde 2004, o projeto foi dividido em quatro faces, sendo a quinta programada para encerrar em 2021.

Por fim, Arguello (2016), em *Pedagogía mixe: contribuciones para una filosofía (decolonial) de la educación desde las Américas*, publicado na revista chilena *Estudios pedagógicos* (Valdivia), ao abordar e fundamentar a constituição de pedagogias decoloniais, expõe de maneira geral a tradição do povo *ayuujk*, que se encontra nas serras do Estado de Oaxaca, México. Em meio a uma experiência na Universidad Comunal Intercultural del Cempoaltépetl, revela apontamentos a fim de contribuir com uma filosofia da educação na perspectiva decolonial.

Diante da análise desses estudos e iniciativas, compreende-se a possibilidade de atuação contra a agenda hegemônica, tendo em vista um contraprojeto que se edifica a partir da contestação da realidade concreta, que, desde a Modernidade, vem estruturando, instituindo e aprimorando um formato cada vez mais racista-colonial-patriarcal de sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado do conhecimento sobre essa temática refletiu poucas publicações no portal de buscas da SciELO, além de um longo espaço entre as publicações e nenhum estudo com ênfase sobre a formação de professores, objeto de estudo do Grupo de Pesquisa em questão.

A ênfase, contudo, recai sobre os desafios de executar um projeto de interculturalidade crítica. É preciso, sobretudo, saber que este projeto não deve restringir-se aos parâmetros legais, ou seja, à luta pelo “reconhecimento” da diversidade étnica-cultural perante as legislaturas, pois não se trata aqui de uma fusão entre culturas dominantes e dominadas, tampouco de um processo “descolonial” como se fosse possível “um simples desarmar, desfazer ou reversão do colonial [...] como se os padrões e traços desistissem de existir” Trata-se, portanto, de evidenciar posturas, posicionamentos e um conjunto de ações capazes de fomentar uma luta contínua para construção de um projeto contra aqueles que dominam, dizimam e subalternizam. (WALSH, 2017, p. 25)

É um chamado para a revisão de epistemologias, medidas econômicas e programas políticos que estão em curso, tendo em vista outro modelo de sociedade, sendo uma das possibilidades de insurgir e avançar para os propósitos decoloniais na América Latina: as concepções de uma educação popular, libertária e humanamente emancipadora e, por sua vez, interculturalmente crítica.

Resguardadas as especificidades de cada povo, é preciso respeitar e compartilhar as diferenças étnicas e culturais, conhecimentos, saberes e experiências, como forma de construção de uma filosofia decolonial coletiva.

Portanto, como forma de resistência, deve-se insurgir contra a lógica da Modernidade/Colonialidade eurocêntrica, buscando propostas para uma educação intercultural comprometida com a leitura do mundo e com a emancipação humana.

6 Desenvolvido pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda, a investigación-acción participativa trata de uma nova proposta metodológica de pesquisa que rompe com a visão positivista e funcionalista de ciência.

REFERÊNCIAS

- ARGUELLO, Andrés Parra. Pedagogía mixe: contribuciones para una filosofía (decolonial) de la educación desde las Américas. **Estudios Pedagógicos**, [online], vol. 42, n. 3, p. 429-447, 2016.
- ARRYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BICUDO, M. A. V. Pesquisa qualitativa e Pesquisa Quantitativa segundo a abordagem fenomenológica. In: BORBA, M.C.; ARAÚJO, J. L. (orgs.), **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 101-114. 2010.
- BUSTOS, Tania Pérez. Aportes feministas a la Educación popular: entradas para repensar pedagógicamente la popularización de la ciencia y la tecnología. **Educación e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.1, p. 243-260, 2010.
- ESPÍN, Arantzazu Giner. MORENO, Antonio Saldívar. CRUZ, José María Duarte. KECK, Charles. Re-pensando la colonialidad y decolonialidad en el espacio de la educación no formal desde la interculturalidad crítica en San Cristóbal de Las Casas, Chiapas. **Sinéctica**, [online], n. 50, p. 1-23, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 15 set. 2019.
- LEITE, Lúcia Helena Alvarez; RAMALHO, Bárbara Bruna Moreira and CARVALHO, Paulo Felipe Lopes De. A Educação como Prática de Liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola. **Educación em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, e214079, p. 1-21, 2019.
- MARÍN, Pilar Cuevas. Memoria Colectiva. Hacia un proyecto decolonial. In: WALSH, C. **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. Serie Pensamento Decolonial. Quito, Ecuador: Editora Abya-Yala, 2017, p. 69-103.
- MEDRANO, Luz María Moreno; GUILLÉ, Gustavo Corral. Metodologías inductivas interculturales para una pedagogía decolonial. **Sinéctica**, [online], n. 52, p. 1-20, 2019.
- MOTA NETO, J. C. da; STRECK, D. R. Fontes da educação popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 78, p. 207-223, 2019.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no brasil. **Educación em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p.15-40, 2010.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. **Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.
- QUIROS. Valeria Sancho. Aún quedan posiciones por defender: Un recuento del camino recorrido por el proyecto Alfabetización Crítica. **Rev. Actual. Investig. Educ.**, [online], v. 19, n. 1, p. 850-864. 2019.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte". **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37-50, 2006.

URIBE, Verónica Moreno. DIETZ, Gunther. Pedagogías constructoras de paces en clave decolonial. **Sinéctica**, [online], n. 52, p. 1-16, 2019.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales**. Prácticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Quito, Ecuador: Editora Abya-Yala, 2017.